

Intervenção cênica como dispositivo de comunicação e problematização dos valores instituídos

Marlene Teresinha da Luz¹ e Samantha Torres¹

RESUMO: O presente artigo é o relato da observação de três intervenções do Teatro Invisível na cidade de Porto Alegre ocorridas no ano de 2007. O Teatro Invisível é uma ramificação do Teatro do Oprimido criada pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal. O artigo tem como objetivo focar o tema da Intervenção do Teatro Invisível como possibilidade de comunicar e problematizar os comportamentos instituídos, permitindo novos olhares sobre os mesmos. Inicialmente vamos apresentar a descrição de três observações da apresentação do Teatro Invisível e a partir dessas descrições vamos refleti-las partindo de determinadas teorias da Psicologia Institucional, e da Psicologia do Desenvolvimento. Pretendemos também analisar o processo de ensino e aprendizagem na relação do conflito de valores nessas três observações.

Palavras-chave: Institucionalização, Intervenção Cênica, Comunicação, Conflito, Aprendizagem.

ABSTRACT: This article reports the observation of three spoke of the Invisible Theater in Porto Alegre during the year 2007. The Invisible Theater is a part of the Theater of the Oppressed created by Augusto Boal. The article aims to address the issue of the Invisible Theater Intervention as a possibility to communicate and discuss the behavior set, providing new visions about it. Initially we present the description of three observations of the presentation of the Invisible Theater and, from these descriptions, we will reflect about them using certain theories of Institutional psychology and the Psychology of Development. We also want to examine the process of teaching and learning in relation to the conflict of values in these three observations.

Keywords: Institutionalization, Scenic Intervention, Communication, Conflict, Learning.

¹ Alunas de Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (FAPSI/PUCRS). E-mails: marlenetls@gmail.com e torres.samantha@gmail.com

“ (...) a arte deve perturbar, destruir o sentido, desocultar o não-sentido, antes de se poder pensar em qualquer coisa como a nova construção de sentido. Para isso precisa de formas ‘selvagens’ e de uma linguagem equivalente, que quebre as expectativas ‘normais’ ...”

(EMMERICH, 1994, p.380).

“Aprender deve significar fundamentalmente desaprender certas coisas, ou seja, nos livrarmos daquilo que nos ensinaram a fazer e a pensar em detrimento da expressão livre da espontaneidade.”

(ROBERTO FREIRE)

INTRODUÇÃO

Nossa sociedade só chegou até aqui através de profundas e constantes transformações. Cada transformação traz em seu contexto regras e valores para manter o seu ideal. Questões precisam ser comunicadas para que valores e regras sejam quebrados gerando novas transformações. Esse é o ciclo da história da humanidade, que não necessita necessariamente ser uma evolução, mas uma cadeia sucessiva de transformações. Há algum tempo atrás, os seres humanos eram escravizados, entretanto, as regras e os valores daquele momento específico justificavam tal ato. Como seria nosso mundo hoje se alguém nunca tivesse questionado o que parecia óbvio naquele momento?

As pessoas crescem aprendendo valores, regras, leis, comportamentos. Tais valores são internalizados como verdades únicas, fazendo com que alguns acreditem que na fase adulta normal as estruturas do aprendizado já estariam estabilizadas, tornando-se valores introjetados, resultando em uma maior tolerância à frustração e à concessão (MISHINE, 1999). Esta afirmativa nos leva a pensar que talvez seja a vida cotidiana que estabiliza nossas emoções e nosso pensar, mecanizando assim, nosso comportamento. Desta forma, não estaríamos preparados para o inesperado, mas, e se ele acontecer? De que maneira o inesperado atinge tais pessoas? Como elas reagem à desestruturação do que aparentemente estava estruturado? Tudo aquilo que nos tira do conforto nos gera uma reação, uma transformação (DELEUZE, 1995).

O Teatro Invisível, nesse sentido, é uma intervenção que se propõe a ser o inesperado, ou como designamos um Elemento Estranho em nosso dia-a-dia. É uma das ramificações de atuação do Teatro do Oprimido criado pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal (1975). O Teatro Invisível é constituído de cenas feitas no espaço social (uma rua, um shopping, um restaurante, um metrô, etc...) que simulam uma situação real e do cotidiano revelando o que até o momento não é dito, não é visto, não é ouvido, não é pensado, na qual um determinado "público" torna-se, inconscientemente, participante da representação; é uma forma de encenação em que apenas os atores sabem que é encenação, sendo presenciada como algo real pelos espectadores.

Como exemplo, um ator pode simular um mendigo numa rua, reagindo de forma a criar situações problemas que desmascaram o suposto equilíbrio social, incitando as pessoas a

reagirem espontânea e verdadeiramente ao questionamento que lhes é apresentado. É através dessas questões levantadas que o público pode repensar o valor instituído.

TEATRO INVISÍVEL EM AÇÃO

Abaixo segue a descrição fragmentada das 3 cenas observadas que ocorreram na cidade de Porto Alegre, as quais foram nosso objeto de estudo.

Observação nº: 1 – Constituição brasileira, igualdade de Gênero, Moralismo

Essa cena aconteceu em uma avenida movimentada na cidade de Porto Alegre. São 4 Personagens que designamos como: Personagem1 ou P1 para o homem sem blusa, Personagem2 ou P2 para a mulher que tira a blusa, Personagem3 ou P3 para o advogado, Personagem4 ou P4 para a mulher mediadora.

P1 vem caminhando pela rua, tira sua blusa e coloca embaixo do braço, acende um cigarro e pára ao lado da banca de revistas. Fica parado fumando cigarro. P2, vem caminhando (aparentando dificuldade no caminhar) pára ao lado da banca de revistas e abana-se, parecendo passar mal. Algumas pessoas olham com curiosidade para P2, que tira a blusa ficando com o peito nu, e continua se abanando como alguém que passa mal. Cada pessoa que passa apresenta uma reação diferente: alguns olham dando risadinhas (contidas), outros enxergam P2 e diminuem a caminhada (tentando ver o que está acontecendo ali), e outros ainda param a uma certa distância para olhar o que está acontecendo. Uma mulher passa, olha para P2, e abana a cabeça negativamente, aparentando indignação. Um rapaz berra: “Isso é fogo demais!”, fazendo com que algumas pessoas dêem risada. Começa a acontecer um pequeno e suave tumulto pela situação. P4 surge a uma certa distância, aponta para P2 e pergunta para algumas pessoas que estão paradas: “Mas o que é isso?”, e alguns respondem: “Sei lá, acho que ela estava passando mal!”. Outro diz: “Passando mal nada, é uma sem-vergonha!”. P4 vai em direção a P2 e pergunta em voz alta: “Mas o que é isso? Tu não tem vergonha nessa cara?”. P2 responde: “Olhe aqui, eu estou passando mal tá! O homem aqui do meu lado está sem blusa e ninguém fala nada, agora ficam me olhando como se eu fosse um monstro, parece que nunca viram seios na vida, seu bando de hipócritas!”. Algumas pessoas berram no fundo: “É isso aí! Vamos tudo se pelar!”. P4 diz: “Ele está sem blusa porque é homem!”. Nesse momento surge P3 e diz: “Desculpa eu atrapalhar

vocês, mas é que sou advogado e realmente na Constituição segundo o artigo 5 homens e mulheres tem direito iguais”. P4 então responde: “Direitos iguais, tudo bem, mas isso é um atentado ao pudor! Uma pouca vergonha, falta de respeito com quem passa aqui! Imagine as crianças coitadas? E vocês não dizem nada?” (interrogando o público). P3 então pergunta em voz baixa, olhando para as pessoas: “Mas o que é atentado ao pudor? O que é uma pouca vergonha?”. Algumas pessoas falam: “Deixa ela! Ela tá passando mal” Outros: “Gostosa! Tem que mostrar mesmo!”. Ainda outros: “Ela é vagabunda!”. P2 se levanta coloca a blusa e diz quase berrando: “Eu sou uma pouca vergonha né? Mas isso que está aqui na banca de revista (bate no vidro da banca de revista que expõe revistas pornográficas sem qualquer censura), a altura dos olhos de uma criança, ninguém fala nada né? O meu seio é pecaminoso, mas a pornografia não né? Ela dá dinheiro né?” (aponta para alguns filmes pornográficos que estão expostos na banca de um vendedor ambulante). Um policial aparece perguntando o que está acontecendo ali, uma mulher fala, apontando para P2: “Essa sem vergonha estava sem blusa”. Outros defendem P2: “Ela estava passando mal.”. P4 sai caminhando até sumir no público. P1 explica para o policial que está tudo tranquilo. P2 leva uma reprimenda do policial que pede para ela se retirar dali. O pequeno tumulto se desfaz, mas pequenos grupos ficam conversando sobre o ocorrido. Um rapaz pergunta: “Afinal o que houve aí?”. Um homem pergunta (um pouco eufórico): “Mas tu não viu? A mulher tava quase pelada ali!”, apontando para o local onde estava P2. Outro homem diz (com gravidade na voz), olhando para o primeiro: “Ela não estava se sentindo bem e ninguém se preocupou com isso!”. Então o primeiro responde (desafiando): “Então porque tu não foi lá ajudar ela?”. O segundo homem (parece ficar encabulado) responde com a voz mais baixa: “Ah! Daquele jeito não...”. O primeiro retruca: “Então?”. E o segundo homem fala: “Ah! Mas o que ela falou não deixa de ser verdade!”. Rapaz pergunta: “Verdade sobre o que?”.

O segundo homem: “As pessoas não se incomodam com o pelado quando dá dinheiro. Veja ali na banca de revista mesmo!”, fala apontando. O primeiro homem diz: “É! Nisso eu tenho que concordar”. Um observador se aproxima de outro grupo, agora com 2 mulheres e um rapaz.

Mulher mais nova (mais ou menos 40 anos) diz: “Nem sei, a policia deu um xixi nela. Mas eu acho que ela tava certa mesmo”. Mulher mais velha (mais ou menos 50 anos) responde: “Certa?” (Abana a cabeça parecendo desaprovar). Rapaz diz: “Eu gostei!”, e dá uma risadinha. Mulher mais nova: “Se homens e mulheres tem direitos iguais, como disse aquele advogado, eu é que também não vou ficar sofrendo nesse calor”. (fingiu que ia tirar a blusa, mas parou dando risada). Mulher mais velha: “Olha que o guarda te pega aí!”, e riu também. Mulher mais nova: “É isso

que não entendo sabe? Para essas coisas a polícia aparece rápido. Outro dia eu fui assaltada e nada de polícia. Afinal para que a polícia serve?”.

Observação 2 – Encenação sobre as possibilidades amorosas

Essa cena aconteceu em um transporte público que liga Porto Alegre a cidades vizinhas. São 7 Personagens que designamos como: Ator 1 ou A1 - a senhora “promíscua”, Ator 2 ou A2 - o homem “promíscuo”, Ator 3 ou A3 - o jovem “promíscuo”, Ator 4 ou A4 - o estudante de ciências humanas, Ator 5 ou A5 - o homem religioso, Ator 6 ou A6, - o namorado, Ator 7 ou A7 - a namorada.

O observador entrou no trem na Estação Mercado, e junto com ele entraram: A4, A5, A6, e A7. A4 senta-se em um banco e pega um livro para ler, A5, um homem de meia-idade, fica de pé, enquanto, A6, um jovem, entra no trem junto com A7, uma jovem. O jovem casal senta-se, conversam, trocam beijos e carícias. O trem não está lotado, ainda há alguns bancos à disposição. Na estação seguinte (Estação Rodoviária), entram juntos: A1 e abraçada a ela A2 (um homem de cabelos compridos cacheados, barba comprida, muito magro), junto com eles, A3, um jovem. Eles entram na porta do meio do vagão (muito animados), conversam, riem, e trocam algumas carícias entre eles, como: abraços, mexer no cabelo, carinho na mão. Algumas pessoas olham, aparentando estranhar a cena, uma mulher dá uma risadinha, e cochicha algo no ouvido de outra que está sentada ao seu lado. A situação se mantém tranqüila até o momento em que os três trocam beijos entre eles. A5 começa a falar alto: “Isso é uma vergonha, uma promiscuidade, uma ofensa a Deus!”.

As pessoas se mexem nos seus bancos, viram para olhar a cena, algumas riem, outras falam algumas coisas, que não conseguimos escutar. A1 responde a A5: “Senhor, tenho certeza que se Deus existe e por tantos é considerado Amor, tenho certeza que ele não vai se ofender com a nossa relação que foi construída no mais puro sentimento”. A1, A2, A3 se abraçam. A5 fala: “Deus é sim Amor, mas não promiscuidade!”. Algumas pessoas balançam a cabeça, parecendo concordar com ele. Nisso A4, o jovem estudante, pergunta à A5: “Desculpe senhor, mas você sabe o que significa promiscuidade?”, e logo responde: “Promiscuidade é isso mesmo!”, e aponta

para o trio “promíscuo”, “Essa pouca vergonha, essa putaria...”. A4 responde, pegando um dicionário na mão: “Desculpa senhor, mas a palavra promiscuidade aqui no meu dicionário diz que é mistura desordenada (lê no dicionário). Em nenhum momento isso é posto com o tom valorativo que você está dando para a situação. Você acha que para ter sentimentos é preciso de regra e ordem?”. A5 responde: “Claro que tem que ter ordem. Deus fez a mulher para o homem e vice-versa, e para ser casal, e não essa suruba”. Nisso um jovem se levanta de um banco e contesta A5: “Eu sou gay e acho que esses teus valores estão obsoletos. Vai te atualizar ô crente. Homofobia dá cadeia viu?”.

O público se mexe mais nos bancos, as pessoas começam a falar umas com as outras, aparentemente se agitando mais com a situação. Algumas pessoas do fundo do vagão berram vocalizações, e a cena continua. Uma senhora fala concordando com A5: “Concordo com você e acho que essa senhora (aponta para A1), com essa idade deveria estar dando exemplo e não se permitindo essa sacanagem”. A4 e A5 descem na Estação Canoas, enquanto A1, A2, A3 continuam namorando, A6 e A7 também. O público conversa muito, e uma mulher começa a conversar curiosamente com A1, A2, A3. Na Estação Esteio o trio desce, e algumas pessoas batem palmas para eles desejando felicidade, outras cochicham, balançam a cabeça, parecendo não concordar com a atitude deles e dos demais do trem. O observador se aproxima de um grupo de 3 pessoas (2 mulheres e 1 homem) que discutiam fervorosamente. O homem fala: “Mas realmente é estranho a gente ver aquele trio. Nunca pensei que eu ia ver esse tipo de coisa na minha vida...”. Observador pergunta: “Estranho porquê?”. E o homem responde: “Claro! Dois homens e uma velha... sendo que ...era .. era estranho!”, fala gesticulando com as mãos. “Só pode ser mesmo amor... Poxa, normal é as pessoas se casarem com o sexo oposto, se bem que hoje os bichas tão tomando conta né? Vocês viram aquela hora aquele guri?”. Uma mulher fala: “Tu também tá muito preconceituoso hein?”. O homem diz: “Não é preconceituoso sabe, eu só achei estranho. É que eu sou casado com uma mulher que é 5 anos mais nova que eu, sempre achei que as coisas fossem assim, entende?...”. A mulher diz: “Pra ver que não são...”. O homem diz: “Isso me faz pensar em tantas coisas que eu poderia ter escolhido para minha vida...”.

Observação nº: 3 – Cidadania, Constituição Brasileira, Direitos

Essa cena aconteceu dentro de um restaurante que fica na cidade de Porto Alegre. A encenação acontece com 4 representantes: Representante 1 ou R1 - o cidadão faminto, Representante 2 ou

R2 - o advogado, Representante 3 ou R3 - a mulher (que vai servir de contraponto) e Representante 4 ou R4 - o homem (que vai servir de provocador).

Observadores chegam no restaurante um pouco antes das 19 horas, logo em seguida aparece R2 que senta-se ao fundo do restaurante e pede uma bebida. Passado uns 2 minutos aparece R1 e senta-se no meio do restaurante e pede um prato feito. Logo após, chegam juntos, como um casal, R3 e R4 sentando-se em uma mesa perto da saída do restaurante. O restaurante não está lotado, existem algumas pessoas comendo, outros estão bebendo, outros comendo lanche, e tudo está tranqüilo. R1 termina de comer e quando o atendente vai receber o pagamento ele mostra a carteira de identidade. O atendente fica confuso e diz que ele se enganou, que a comida custa x reais. R1 insiste com a identidade e fala bem alto: “Olhe moço, eu estou desempregado, passei o dia inteiro atrás de emprego e tenho fome, não tenho dinheiro, mas sou cidadão brasileiro”. Atendente responde: “Lamento pela tua situação, mas não tenho nada que ver com isso. A comida custa x reais”.

As pessoas à volta percebem que algo está acontecendo de diferente, e viram-se para olhar a situação. Mais dois atendentes chegam perto do outro atendente e perguntam o que está acontecendo de errado. Primeiro atendente diz: “Esse moço diz que não tem dinheiro para pagar a comida”. Nesse momento R2 levanta-se e diz: “Olhe eu sou advogado. E segundo a constituição brasileira esse rapaz tem toda a razão: todo cidadão brasileiro tem direito a dignidade da pessoa humana e assistência aos desamparados”.

R3 levanta-se e fala: “Ah, tá! Essa é boa agora. Eu que trabalho tenho que pagar minha comida e esse vagabundo vai sair sem pagar é?”. R1 responde: “Eu não sou vagabundo, passei o dia inteiro em entrevistas de emprego e largando currículo, mas ainda não recebi a resposta se consegui emprego. Meu dinheiro acabou com tanto transporte e agora tenho fome. Eu não deixo de existir só porque sou desempregado. Minha fome não deixa de existir só porque não tenho dinheiro”. O Atendente pede calma para as pessoas, e diz: “Mas nós somos um restaurante particular. Você deve pedir assistência ao governo. Não temos culpa da tua situação. A comida custa x reais e é assim que funciona”. Enquanto isso, as pessoas conversam (acho que sobre a situação). Uma mulher se levanta e diz: “Eu pago a conta dele!”.

Outro homem diz: “Eu ajudo a pagar a conta dele!”, R1 agradece as pessoas e sai do restaurante. O observador escuta algumas conversas, uma mulher conversando com um outro homem, ela diz: “Eu fiquei pensando na situação, na situação dele sabe. Realmente é complicado para quem está procurando um emprego, para alguém que já está numa situação difícil conseguir as coisas. Se

hoje estou com situação para ajudar, porque não? Ele não me pareceu um cara ruim...”.Um homem de outra mesa interrompe a conversa e diz: “Eu achei admirável a sua atitude de pagar a conta dele, mas acho que isso é um problema que o governo deveria resolver, essa situação dos desempregados”. Enquanto isso, uma mulher responde: “Tá, mas aí o governo não resolve e o que sobra? O rapaz mesmo disse que a fome dele não deixava de existir pelo fato de não ter dinheiro”. O homem fala: “É realmente, fico pensando que todos dentro de uma sociedade deveriam ter o mínimo, e não acontecer coisas do tipo com as pessoas visto aquilo que o advogado ter falado é verdade: A Constituição diz que todo ser humano tem direito a dignidade, lazer, saúde, educação, etc... Então, porque as coisas não estão funcionando se a própria constituição prevê isso? O que tá acontecendo?” A mulher diz: “É só vermos esse negócio de corrupção. Parece que as pessoas perderam o sentido de irmandade. Cada um preocupado com o próprio umbigo. Depois reclamam quando tem bandido assaltando e matando!”.

SOBRE INTERVENÇÃO URBANA E A INSTITUCIONALIZAÇÃO

Visto o Teatro Invisível se caracterizar como uma Intervenção Urbana, vamos abordar de forma breve sobre este conceito, visando compreender de que forma a Intervenção Urbana pode afetar e transformar as institucionalizações.

A Intervenção Urbana surge do meio artístico como uma necessidade de fazer uma arte que provoque, que desafie e incomode, que não seja apenas contemplativa. Ela usa variados modos para obter tal resultado, dentro de seus vários segmentos, como a música, as artes cênicas, esculturas, e a dança, por exemplo. Os artistas entendem que o meio urbano mecanizado como está, fez com que as pessoas perdessem parte de seu senso crítico. E, é pensando nisso, que se faz uma Intervenção Urbana, para tentar quebrar com tal mecanização, fazendo as pessoas repensarem seu dia-a-dia.

A Intervenção é uma forma de comunicar o que não é dito. Vejamos uma frase, que fala sobre a proposta de Intervenção Urbana, tirada de uma comunidade virtual do site de relacionamentos orkut: “Ah, a cidade, o ápice da civilização... onde encontramos tudo que procuramos, tudo de bom e melhor ao nosso alcance, tão linda... suas ruas, seus sinais, seus shoppings, seus prédios residenciais, comerciais, sua prestação de serviços, seus mendigos, suas esmolas, seu policiais, seus bandidos, suas boates, seus motéis, seus pastéis, seus jovens, seus

asilos, seus garis, seus porcos! A cidade inventa sua lei que impera sob todos os cidadãos dando uma falsa e [in]tensa impressão de ordem. Intervir para mostrar sua verdadeira face, tanto a carniça como a beleza apodrecida e domesticada. Fazer a arte emergir do caos através da ação.”

Podemos avaliar, segundo certas teorias da Psicologia Institucional, que aquilo que os artistas chamam de mecanização, na verdade se chama o processo de Institucionalização, tão necessário para vida em grupo (LANE, 1982). Visando uma melhor compreensão acerca deste fenômeno, propomos refletir sobre este conceito para entender de que forma ele atua no meio social, ressaltando suas vantagens e desvantagens.

Enfim, a sociedade constitui um grande grupo, mesmo que não conheçamos todos os participantes deste grupo. Passamos a maior parte de nossa vida nos relacionando com outros seres humanos, até mesmo quando estamos sozinhos, nossos pensamentos estão envolvidos em coisas que nos ligam a outras pessoas. Nossa vida segue geralmente alguma rotina, temos um horário de aula ou trabalho, e isso possibilita o contato com o Outro, desde professores, colegas de trabalho, supervisores. O ser humano necessita de certa regularidade para viver em grupo, para se relacionar com este Outro. Para isso, para visando tal regularidade é que servem as Instituições que podem ser um valor ou regra social, que se reproduzem no cotidiano com estatuto de verdade, e que de uma forma geral servem como guia básico de comportamento para as pessoas. O processo de institucionalização inicia-se com o estabelecimento de regularidades comportamentais, as pessoas descobrem aos poucos formas mais rápidas, simples e econômicas de desempenharem suas tarefas cotidianas. Pode-se dizer que um hábito se estabelece quando uma dessas formas repete-se muitas vezes, e uma vez estabelecido um hábito por razões concretas, com o passar do tempo e das gerações, transforma-se numa tradição. E normalmente, bases concretas, estabelecidas não são mais questionadas, a tradição, então se impõe porque se constitui em uma herança dos antepassados, e se eles determinaram que essa é a melhor forma, é porque tinham alguma razão. Quando se passam muitas gerações e a regra estabelecida perde a referência de origem, ou seja, o grupo de antepassados, dizemos então, que essa regra social foi institucionalizada. A instituição é o que mais se reproduz e o que menos se percebe nas relações sociais, atravessando, de forma invisível, todo tipo de organização social e toda relação de grupos sociais, fazendo dela esse algo “mecanizado”, há pouco discutido.

Segundo a Psicologia Institucional, dentro deste mesmo espaço existem as organizações que constituem o aparato que reproduz e mantém o quadro das instituições no cotidiano da sociedade. Como exemplo de organização podemos citar a Igreja, a Escola, a Polícia, entre outros; e as pessoas, por sua vez, formam o grupo no qual a instituição se realiza. O grupo realiza as regras e promove os valores, é o sujeito que reproduz, e que, em outros momentos, reformula tais regras. Além disso, é também o responsável pela produção dentro das organizações, mantendo ou transformando as regras.

Assim, podemos dizer que o “Teatro Invisível” se caracteriza como uma Intervenção Urbana, pois procura os lugares urbanos com maior movimento, estabelecendo dentro deste espaço relações que causam estranhamento nas pessoas, situações que provocam, e que de alguma forma rompe com a mecanização do meio urbano, levando cada sujeito a questionar-se sobre os valores estabelecidos.

FASE DE DESENVOLVIMENTO: ADULTO – MADURO OU MECANIZADO?

Afirma-se que na fase adulta do desenvolvimento, a pessoa já possua valores introjetados, de forma que seu estado emocional pode ser considerado estável e duradouro. Quando falamos em fase de desenvolvimento não podemos perder de vista o funcionamento social e as expectativas que a sociedade impõe para aquilo que ela própria designou como parte de determinada “fase de desenvolvimento”. A principal questão é: existem intrínsecos aos seres humanos comportamentos característicos das determinadas fases de desenvolvimento? Ou as ditas fases de desenvolvimento possuem tais características devido às exigências do meio social?

Para falarmos da fase adulta precisamos compreender um pouco do final da fase anterior, a adolescência, e como as situações desta fase transitam para a fase adulta. De uma forma geral, em nosso contexto social o adolescente ainda vive sob a guarda de seus pais, dependendo deles para seu sustento. Quando o ser humano chega a uma certa idade espera-se dele certa autonomia, uma vida mais ativa, produtiva, que trabalhe, que se relacione amorosamente com outro ser

humano, segundo os padrões e a moral proposta pela cultura. Para ter tal vida produtiva exigem-se certos comportamentos e atitudes que não “atrapalhem” o andamento que é proposto como vida produtiva. Para isso ele tem que se adequar a regras e comportamentos. Vejamos, segundo um livro de desenvolvimento e aprendizagem, a expectativa que se coloca naquilo que é definido como início da vida adulta:

“O final da adolescência é visto como um estágio de consolidação e estabilização. Antecipamos e esperamos clareza e ações com objetivo, previsibilidade, equilíbrio emocional constante e duradouro, auto-estima inabalável e um funcionamento mais maduro. A tarefa do desenvolvimento no final da adolescência normal é a consolidação da personalidade para facilitar a estabilidade em lidar com o trabalho, estudo, relações amorosas e sistemas de valores individuais. Esta é a idade de uma resolução final e irreversível da identidade pessoal e sexual. As questões centrais neste período da vida são a modulação de impulsos e a resolução de: aceitação versus rebeldia contra a autoridade; reconciliação de sentimentos positivos e negativos em relação aos pais; o equilíbrio entre esforços independentes e dependentes com idealismo e auto-interesse.” (MISHINE, 1999).

Enfim desde a infância, a sociedade, através de suas instituições (escola, família, trabalho), trabalha para que o ser humano que se desenvolva nessa sociedade, possua comportamentos de autodomínio, de aceitação, de definição sexual, de engessamento dos valores propostos socialmente, e chegue naquilo definido socialmente como pertencente à fase adulta. E é isso é o que se define como maturidade.

É pensando nesse ser humano construído socialmente, nos comportamentos próprios da “fase adulta”, que o Teatro Invisível através de uma proposta pedagógica libertária, visa trabalhar a aprendizagem ou uma reaprendizagem através da reflexão de comportamentos sociais. Podemos ver que antes das apresentações do Teatro Invisível tudo ocorria “bem”, as pessoas estavam calmas, tranqüilas, indo e vindo conforme o comportamento “maduro” instituído, mas quando uma ação estranha acontece todo esse controle se desmascara, tornando-se necessário uma nova interpretação da realidade. O Teatro Invisível não é uma crise, tal como uma guerra ou uma catástrofe, mas o simples fato de ser uma ação diferente não prevista por esse mundo

“mecanizado” ou “instituído”. O adulto maduro, estabilizado, com suas emoções equilibradas, com sua auto-estima inabalável, com sua irreversível identidade pessoal e sexual, se quebra diante do inesperado como uma fina casca de ovo, revelando assim a real essência humana do eterno devir. Diante do inesperado as pessoas gritam, algumas brigam, outras se indignam, outras refletem, outras descobrem. Neste sentido, não há padrão social, econômico, racial, psicológico ou biológico que fique indiferente ao acontecido, a ação estranha gera um agitação por parte do expectador por ele perceber que nem tudo que foi aprendido é um final, e que existem outras possibilidades de viver, além de ver - nessa estranha ação - as contradições nos valores instituídos. Podemos observar isso claramente na fala de alguns expectadores quando eles dizem:

“Não é preconceituoso sabe, eu só achei estranho. É que eu sou casado com uma mulher que é 5 anos mais nova que eu, sempre achei que as coisas fossem assim, entende?...” (Observação 2)

“É isso que não entendo sabe? Para essas coisas a polícia aparece rápido. Outro dia eu fui assaltada e nada de policia. Afinal para que a polícia serve?” (Observação 1)

“As pessoas não se incomodam com o pelado quando dá dinheiro. Veja ali na banca de revista mesmo” (Observação 1)

“A Constituição diz que todo ser humano tem direito a dignidade, lazer, saúde, educação etc...Então porque as coisas não estão funcionando se a própria constituição prevê isso? O que tá acontecendo?” (Observação 3)

“Isso me faz pensar em tantas coisas que eu poderia ter escolhido para minha vida...” (Observação 2)

“Tá mas ai o governo não resolve e o que sobra? O rapaz mesmo disse que a fome dele não deixava de existir pelo fato de não ter dinheiro.” (Observação 3)

Através destas verbalizações podemos inferir que de alguma forma a intervenção desestabiliza o adulto, fazendo-o pensar sobre o que está aí, e é dado como verdade.

APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO ELEMENTO ESTRANHO

A escola deveria funcionar como uma entidade com a função de instigar, provocar dúvidas, ajudando os alunos a pensarem, propondo uma reflexão por meio da formulação de problemas, ainda não solucionada. Deleuze (1995) expõe que só é possível produzir conhecimento através da formulação de problemas. O conhecimento se constrói através da busca de respostas para o não solucionado, mas infelizmente a escola acaba exercendo outro papel, o de prover verdades absolutas. E, assim desta forma crescemos acreditando no que nos foi transmitido. Outro problema de transmitir verdades absolutas é que se tira a responsabilidade dos sujeitos sociais de pensarem por si. Nesse tipo de educação criam-se seres humanos passivos, crentes de existir sempre uma autoridade que vá lhes dizer o que é melhor a fazer (APPLE, 1989). Não é de se estranhar, que tendo esse tipo de educação, as pessoas crescem, se tornam adultas, e acabam por desempenhar comportamentos regrados, insípidos e insólitos, como foi visto nas pessoas antes da apresentação do Teatro Invisível, a criatividade e espontaneidade foram lhes encoberta no maior tempo de suas vidas.

Quando o Teatro invisível acontece, as pessoas são instigadas a repensarem as verdades instituídas. O Teatro Invisível acaba sendo o Elemento Estranho que provoca esse pensar. Definimos como Elemento Estranho, tudo aquilo que cause estranhamento, que provoque, que instigue, que gere curiosidade ou até mesmo desconforto. É nessas sensações, que o ser humano que assiste e participa do Teatro Invisível, pode repensar o que está dado ou inventar o não descoberto (podemos ver um pouco disso nas falas de alguns expectadores como foi citado na terceira observação). Na primeira observação do Teatro Invisível, podemos ver que ele provoca o público por mostrar um peito feminino nu, algo que está instituído em nossa sociedade como algo proibido. Através dessa cena o TI coloca diante desse público a contradição desse valor instituído quando mostra que a própria Constituição brasileira diz que ambos os gêneros tem direitos iguais perante a lei (se um homem pode andar pela rua sem blusa, porque uma mulher não poderia?) e quando mostra que peito feminino não é algo assim tão reprimido visto estar explicitamente exibido nas bancas de revistas e nos filmes vendidos pelos camelôs. Isso nos faz pensar o porquê então de tanta proibição? Quando a polícia chega para reprimir o grupo, mesmo que isso não tendo sido anteriormente planejado, acaba por colocar diante do público uma nova questão: afinal qual o papel da polícia em nossa sociedade?

O Teatro Invisível acaba se tornando um dispositivo para gerar comunicação entre as pessoas, pois após as cenas, o público começa a dialogar, pessoas que não se conheciam, juntam-se em pequenos grupos e conversam, problematizam e repensam alguns valores instituídos.

Na observação 2, a representação visa trabalhar com o tema da libido, da sexualidade e dos valores instituídos em relação a esse tema. Em nosso contexto cultural se formou um ideal de relacionamentos em torno da sexualidade. De uma forma geral essa sexualidade é mais tranquilamente aceita com pessoas heterossexuais, monogâmicas, correspondendo a uma faixa etária próxima, e que pertençam a classes e estereótipos semelhantes. A intervenção do Teatro Invisível efetua uma profunda provocação no público, na medida que quebra com todo esse status quo e coloca diante do público uma possibilidade de relacionamento amoroso muito diversa. A relação apresentada se dá entre 3 pessoas, quebrando com a idéia de monogamia. Além disso, o trio se relaciona integralmente um com o outro, evitando dessa forma uma distinção entre sexo e gênero, rompendo com o padrão de heterossexualidade, evitando também a classificação em poliandria ou poligamia. Existe uma longa diferença de idade entre os representantes desse trio, e uma diferença de padrões de se vestir e se comportar, tornando a cena provocante por todas as diferenças apresentadas numa só relação. O público se agita com isso, as pessoas riem, comentam, contestam, e repensam suas próprias formas de lidar com a sexualidade, como podemos ver na frase seguinte:

“Não é preconceituoso sabe, eu só achei estranho. É que eu sou casado com uma mulher que é 5 anos mais nova que eu, sempre achei que as coisas fossem assim, entende?...” (Observação 2)

Nessa frase podemos ver que a cena intriga o expectador fazendo ele repensar seu próprio modo de viver e em resposta a intriga ele mesmo diz:

“Isso me faz pensar em tantas coisas que eu poderia ter escolhido para minha vida...”
(Observação 2)

Podemos ver que esse Elemento Estranho apresentado através do Teatro Invisível acaba desconstruindo uma verdade dada, provocando no público a possibilidade de pensar muito além dos valores e da moral em voga. É através de todas essas questões, é através da problematização

do instituído, através de um elemento estranho que o público pode repensar sua vida em sociedade e no que tem aceitado como verdade até o momento.

Na Observação 3, o Teatro Invisível provoca o público em relação a contradição que existe entre os valores descritos na Constituição Brasileira sobre seus cidadãos e a própria vida que estes levam no dia-a-dia. A Constituição Brasileira prevê para seus cidadãos uma vida digna, com benefícios e bem-estar, em compensação no dia-a-dia a situação é diferente: existe uma exclusão profunda da dignidade humana de alguns cidadãos (observando nas ruas podemos dizer que são muito mais que alguns), simplesmente porque estão desempregados ou por outros motivos. A provocação que fica é: eu deixo de ser cidadão porque estou desempregado? Eu deixo de ter fome porque não tenho dinheiro para comprar um prato de comida? Eu deixo de existir porque não tenho condições de ter ou ser algo? O que significa minha carteira de identidade? Que constituição é essa que não dá conta de mim?

Podemos analisar que através dessa encenação algumas pessoas repensam o Estado em que vivem. Vemos isso nas frases:

“Eu fiquei pensando na situação, na situação dele sabe. Realmente é complicado para quem está procurando um emprego, para alguém que já está numa situação difícil conseguir as coisas...”
(Observação 3)

“Ta mas ai o governo não resolve e o que sobra? O rapaz mesmo disse que a fome dele não deixava de existir pelo fato de não ter dinheiro” (Observação 3)

“Fico pensando que todos dentro de uma sociedade deveriam ter o mínimo e não acontecer coisas do tipo com as pessoas visto, aquilo que o advogado ter falado é verdade: A Constituição diz que todo ser humano tem direito a dignidade, lazer, saúde, educação etc...Então porque as coisas não estão funcionando se a própria constituição prevê isso? O que tá acontecendo?”
(Observação 3)

Segundo Freire (2003) não basta apenas o sujeito ter acesso à informação, é preciso que ele sofra o processo que o autor denomina de assimilação da informação, por meio do qual as

pessoas entram em contato com um determinado conjunto de informação e, a partir desta interação, haverá modificações na estrutura cognitiva. A partir disto construiremos conhecimento que se relacionará diretamente com a informação recebida. Para que esta assimilação aconteça não basta apenas o sujeito ter contato com a informação, é preciso que ela faça sentido para ele, que ele a signifique de alguma forma, de modo que possa reelaborar a partir também dos conhecimentos que já possui.

A vantagem que temos é que o ser humano tem a capacidade de aprendizagem mais flexível e hábil de todos os animais. É claro que as diferenças culturais trarão diferenças de comportamentos frente às demandas sociais, e que em alguns países um tipo de educação será mais valorizado do que outro. Então, o papel fundamental de qualquer educação é fazer com que os sujeitos interiorizem ou incorporem a cultura de onde habitam para poderem pertencer a ela e nela viverem. O importante é que incorporem esta cultura de uma forma mais produtiva, na qual refletiremos sobre o ato de repeti-la, deveríamos “desmontá-la peça por peça para depois construí-la” (POZO, 2002, p.26). A dificuldade de isso ocorrer é que a educação atual é muito mais repetitiva e memorística, do que construtiva, somos mais reprodutores de saberes e tradições do que criadores de novos conhecimento e reflexões.

Nesse sentido Paulo Freire (2007) defende uma educação ética que visa o bem estar social. Ele fala de uma educação que não exclui a política, porque toda e qualquer educação já é por si só política. Ele fala da responsabilidade do educador, porque este é ser político que faz política quando educa. Negar a política da educação é criar ideologias que afastam o ser humano de sua capacidade de pensar e de sua responsabilidade por tal pensamento. A educação libertária é aquela que reconhece que estamos sim condicionados por uma sociedade que tem regras e valores instituídos, mas que possibilita ao ser humano a repensar tais regras e valores. A educação libertária é aquela que nega o determinismo.

Podemos ver que o Teatro Invisível, mesmo não sendo uma escola, mesmo seus atores não sendo professores acabam por ter este papel dentro de uma visão de educação libertária. Diferente de ensinarem verdades, eles problematizam situações a que estamos condicionados. Através das representações do Teatro Invisível o público conversa, dialoga, sugere, pensa, reflete,

contesta, se mobiliza, quebrando desta forma com seu estado mecanizado. Surgem daí seres humanos responsáveis porque pensaram por si mesmos, tiveram a chance de pensar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos ver através desse trabalho que a aprendizagem não se limita ao espaço da escola; que a própria escola, às vezes, serve como instrumento de transmitir verdades absolutas, quando deveria também ser um espaço para a construção de novos conhecimentos. Novos conhecimentos podem ser gerados a partir da dúvida ou da desconstrução do que é dito como verdade. E o elemento estranho é o propulsor de tais dúvidas e desconstruções. Podemos definir Elemento Estranho, como tudo aquilo que causa estranhamento, que mobiliza nossa atenção e que nos instiga a pensar em detrimento da dúvida.

A arte por possuir um espaço de ser amoral e atemporal acaba, muitas vezes, tendo o papel do Elemento Estranho em nossa sociedade. O teatro Invisível, neste sentido, é a arte que causa estranhamento em quem assiste e participa da cena, gerando dúvidas e diálogos que podem gerar novos conhecimentos, ou no mínimo, a desconstrução do que está aí, e é dado com verdade absoluta.

Também podemos ver que aquilo que é previsto, pelo que designamos como fases de desenvolvimento, não foi revelado nas observações. O adulto não se apresentou estável, como o previsto pelos desenvolvimentistas. Diante do elemento estranho o adulto perde toda sua estabilidade emocional: xinga, berra, ri e acaba por repensar muitas coisas e valores que estavam “introjetados” em suas vidas.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2ª reimpressão, 1995.

EMMERICH, W. **A literatura da RDA in História da literatura alemã v2.** Lisboa: Cosmos, 1994

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia : saberes necessários à prática educativa.** 35. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, R. **Utopia e paixão: a política do cotidiano.** Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

FREIRE, I. M. TAVARES, C. **"Lugar do lixo é no lixo": estudo de assimilação da informação.** Ci. Inf. Vol.32. N°2 Brasília Maio/Agosto. 2003.

LANE, S. T. M. & CODO, W. **Psicologia Social: o homem em movimento.** São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982.

MISHNE, J. M. **A curva da aprendizagem: elevando a competência acadêmica e social.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

ORKUT. **Comunidade: Intervenção Urbana.**

Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=122626>

POZO, J. I. **Aprendizes e mestres: A nova cultura da aprendizagem.** Porto Alegre: ArtMed, 2002.